



A AULA UNIVERSITÁRIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Denise Elza Nogueira Sobrinha
Instituto Federal de Goiás – IFG (Brasil)
Endereço eletrônico: deniseufg@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz uma discussão da aula universitária, envolvendo as políticas educativas, o processo de formação e a profissionalização docente, os quais têm sido marcados pelo neoliberalismo de terceira via e pela globalização que cooperam para o crescimento da Nova Pedagogia da Hegemonia (Neves, 2005; 2013), contexto marcado também por tentativas de superação e rupturas que visam à construção e realização de ações contra-hegemônicas na educação.

O neoliberalismo de terceira via consiste na atualização do neoliberalismo clássico e procura conferir ao capitalismo uma roupagem mais humana. Conforme Neves (2013, p. 5), há uma tentativa de conciliar o que é inconciliável, pois ele se fundamenta na social-democracia e na justiça social, mantendo intacta a possibilidade de transformação das relações sociais de dominação, de exploração e de exclusão social. Há, portanto, uma falsa tentativa de inclusão social dos grupos socialmente menos favorecidos, que continuam sendo manipulados e explorados pela elite dominante, por meio de um consenso e consentimento ativo (processos ideológicos), que naturalizam as relações de exploração e dominação, além de disseminar a impossibilidade de alteração das relações sociais baseadas na estruturação e manutenção do *status quo*.

A nova pedagogia da hegemonia, conforme Shiroma e Santos (2014, p. 34), com base em Neves (2005), consiste na tentativa da elite em delimitar a participação das classes populares à pequena política e impedir a transformação das relações sociais baseadas na exploração e na dominação. Nesse sentido, há a construção de uma nova cidadania apolítica marcada pela repolitização da política, por meio do fortalecimento e expansão da iniciativa privada, do voluntariado e da filantropia nas ações desenvolvidas pelo Estado. Portanto, a nova pedagogia da hegemonia materializa o neoliberalismo de terceira via e está atrelada aos interesses da classe dominante.



METODOLOGIA

Esse trabalho é baseado no tipo de pesquisa bibliográfica e em uma abordagem qualitativa de educação. Pesquisa em andamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aula universitária como um processo de totalidade, de contradição e de mediação pode corporificar valores, desejos, aspirações, motivações, intencionalidades, conhecimentos, teorias, projetos e concepções de homem, de mundo, de sociedade e é regida por um modelo ou modelos de compreensão/apreensão da realidade. Os paradigmas científicos são a expressão dessa totalidade que buscam compreender e apreender a realidade social.

Como a realidade social está em constante movimento de construção, superação, renovação e rupturas, essas ações também podem afetar os paradigmas científicos possibilitando a criação de novas formas de conceber a ciência, o mundo e as pessoas. Essas mudanças ou rupturas podem significar a conjunção/disjunção/inclusão dos paradigmas científicos ou ainda a construção de novos paradigmas. Assim, há uma relação de disputa entre um paradigma dominante e tentativas de paradigmas emergentes que caracterizam os novos paradigmas.

Na aula universitária, o paradigma científico baseado na epistemologia positivista, que dá grande sustentação à ciência moderna, ganha vida com a corporificação da educação bancária marcada pelo ato de depositar e transferir conhecimentos. Esse processo é extremamente criticado por Freire (2005), pois tenta uniformizar as pessoas, roubar-lhes seus sonhos, suas utopias, suas subjetividades, sua criticidade, sua criatividade e a vontade de mudar o mundo.

O paradigma científico baseado na epistemologia positivista dá sustentação à formação requerida pelo modo de reprodução capitalista. Uma formação voltada para a construção e a qualificação de mão-de-obra, que forma de modo majoritário pessoas submissas, acrílicas, apolíticas, alienadas, individualistas, competitivas e adaptadas.

Conforme Shiroma e Santos (2014), dentro dessa lógica formativa estão presentes o consenso e o consentimento ativo, processos ideológicos, que por meio da Nova Pedagogia da Hegemonia visam construir uma nova cidadania marcada pela iniciativa individual e por ações de voluntariado e filantropia e que permitem a



participação das pessoas somente na pequena política, ou seja, mudanças estruturais nunca serão alcançadas e realizadas nessa perspectiva.

Há uma redução do espaço e das ações realizadas pelo Estado no setor público, que passam a ser compartilhadas com a iniciativa privada e com o terceiro setor (voluntariado e filantropia). Assim, está formada a terceira via, que tem como base o neoliberalismo de terceira via (junção da social democracia mais a justiça social). De acordo com Neves (2005; 2013), o neoliberalismo de terceira via tenta conferir ao capitalismo uma roupagem mais humana; no entanto mantêm intactas as desigualdades sociais. E há uma grande responsabilização das pessoas pela sua própria formação desobrigando o Estado em garantir esse direito de educação pública, laica e gratuita para todos, ou seja, uma educação pública com qualidade social com base em uma perspectiva crítica, emancipadora e contra-hegemônica. (SOUZA E MAGALHAES, 2014).

Daí a importância da universidade pública recuperar sua legitimidade, redefinir as concepções de formação, docência, pesquisa, relação com o Estado e sociedade e com a própria construção do conhecimento, materializados na aula universitária, buscando alternativas contra-hegemônicas que possibilitem o restabelecimento da universidade como uma instituição social, produtora de cultura, de pesquisas e conhecimentos socialmente relevantes e comprometidos com as classes trabalhadoras e populares.

Magalhães e Souza (2014), ainda destacam que nas políticas educativas atuais, há um foco na profissionalização docente em detrimento da formação, pois na realização do trabalho docente nas escolas e universidades há mais formas de adequação utilizadas pelos Organismos Multilaterais (OM) para promover a reconversão dos professores atrelada à Nova Pedagogia da Hegemonia. Evangelista e Triches (2014), esclarecem ainda mais essa ideia, ao mostrarem que, atualmente, em sua grande maioria, a formação de professores ocorre em instituições privadas na modalidade à distância. E mesmo sendo precarizada, essa formação em grande parte é financiada pelo próprio professor. Há uma participação do governo, que oferece bolsas, mas não há o investimento do Estado para que essa formação seja efetivamente ampliada e fortalecida nas universidades públicas.

Diante do que foi apresentado, pode-se considerar que os sujeitos, professores e alunos, não conseguem se emancipar e ainda assumem a culpa individualmente pelo fracasso, perdendo a noção de esse é um problema coletivo marcado por interesses e



disputas entre classes e que há uma tentativa muitas vezes obscura/disfarçada das classes dominantes em manter o *status quo* via dominação e exploração com a aplicação da Nova Pedagogia da Hegemonia, por meio do consenso e consentimento ativo, promovendo o desmantelamento da educação, dificultando a construção da educação pública, laica, gratuita com qualidade social com base em uma perspectiva crítica, emancipadora e contra-hegemônica (SOUZA E MAGALHAES, 2014).

Assim, a aula universitária realizada pela docência universitária, se insere nas políticas educativas e reflete os interesses, as disputas, as motivações, as necessidades e os desejos de classe. Possui uma dinâmica dialética, mesmo que alguns professores não tenham consciência desse processo, e pode-se configurar para atender os interesses do mercado marcado por uma perspectiva hegemônica, como atender as demandas das classes trabalhadoras e populares, via processos contra-hegemônicos.

As ações de luta e resistência promovida pelas classes trabalhadoras e populares frequentemente são marcadas pela esperança, pelo sonho e a utopia na construção de outra ordem social com relações sociais mais igualitárias, justas, solidárias e humanas. Essas ações baseadas na contra-hegemonia buscam inspiração em outros paradigmas científicos que não se fundamentam na epistemologia positivista.

Pode-se citar entre esses paradigmas uma correlação de formação, educação, pesquisa, ensino e extensão, com base no Materialismo Histórico Dialético, que busca uma ruptura e transformação da estrutura social baseada na alienação, subjugação e exploração humana e material.

Esse projeto formativo baseado na contra-hegemonia e de perspectiva crítica impõe-se contra o imperativo do capital e busca construir uma consciência crítica nos sujeitos, um espírito de coletividade, de solidariedade, de humanidade e de pertencimento. Coloca-se contra uma formação meramente para o mercado de trabalho e visa uma formação integral do ser humano que possibilite o seu desenvolvimento crítico, criativo, cultural, estético, sensível, social e humano, que possibilite o desenvolvimento de sua autonomia e sua emancipação como sujeitos sociais e coletivos.

Após a exposição desses diversos fatores, há uma apreensão de que a aula universitária precisa ser compreendida/apreendida no seu aspecto macro (paradigmas científicos e políticas educativas), aspecto meso (perspectivas de formação e educação) e aspecto micro (sala de aula).



CONCLUSÕES

A intenção desse trabalho foi discutir a aula universitária e formação de professores. Essa discussão das dimensões que envolvem a aula universitária faz-se necessária, pois no modo de reprodução capitalista estamos constantemente submetidos a um processo de alienação, dominação e exploração de um ser humano pelo outro. E nesse processo perde-se a noção de totalidade. Por isso, muitos professores e alunos, reduzem a aula universitária ao aspecto micro (sala de aula), esquecendo que ela é formada e também sofre a influência do aspecto macro (paradigmas científicos e políticas educativas) e meso (perspectivas de formação e educação).

Discutir a aula universitária como produção humana, com posicionamento crítico, possibilita compreender/apreender que esse momento formativo pode estar vinculado a diferentes finalidades, tanto pode contribuir para a formação de pessoas submissas, acríticas, apolíticas e adaptadas, como pode contribuir para a formação de sujeitos críticos, autônomos, emancipados e solidários. Portanto, as demandas da aula universitária são muitas. E isso ocorre, pois a aula universitária não é neutra e nunca será. Ela é construída por meio de um processo que envolve a totalidade, a contradição e a mediação e é permeada por muitos interesses, disputas, valores e necessidades, que podem representar o desejo de manipulação de classe social sobre outra ou a transformação de tais relações sociais.

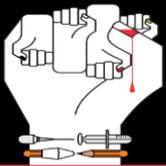
PALAVRAS-CHAVE: Aula universitária. Políticas educativas. Formação de professores.

REFERÊNCIAS

EVANGELISTA, Olinda; TRICHES, Jocemar. Professor: a profissão que pode mudar um país? In: EVANGELISTA, Olinda (Org.). *O que revelam os slogans da política educacional*. Araraquara. São Paulo: Junqueira-Marin, 2014, p.47-82.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira; SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira Ribeiro de. Pesquisa educacional: uma análise epistemológica da produção acadêmica sobre professores. *Anais do XII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste*. Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás–PUC Goiás, 2014.



NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org). A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso. São Paulo: Xamã, 2005.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. O professor como intelectual estratégico na disseminação da nova pedagogia da hegemonia. *Anais da 36ª Reunião Nacional da ANPEd*. Goiânia, 2013.

SHIROMA, Eneida; SANTOS, Fabiano Antônio. Slogans para a construção do consentimento ativo. In: EVANGELISTA, Olinda (Org.). *O que revelam os slogans da política educacional*. Araraquara. São Paulo: Junqueira-Marin, 2014, p. 21-46.

